

**ALGUNS ASPECTOS DO SURREALISMO EM
JACQUES PRÉVERT**

Silvana Vieira da Silva

O tema proposto para o presente colóquio - "Linguagem - Libertação" - está perfeitamente de acordo com o Surrealismo e a obra de Jacques Prévert.

O surrealismo foi um movimento inovador, ocorrido no início do século, cujo pai foi André Breton, um médico e poeta que, ao criar esse movimento, tinha como princípio e meta privilegiar o inconsciente. O carro-chefe da valorização e exteriorização do inconsciente foi a escrita automática, descoberta surrealista, cuja gênese está descrita nesta passagem do próprio Breton: "Em 1919, minha atenção se fixara nas frases, mais ou menos parciais, que em plena solidão, ao aproximar-se o sono, tornavam-se perceptíveis ao espírito, sem que fosse possível descobrir nelas uma determinação anterior. Essas frases, notavelmente metafóricas e com uma sintaxe perfeitamente correta, pareceram-me elementos poéticos de primeira ordem. Primeiramente, limitava-me a guardá-las. Foi mais tarde que Soupault e eu pensamos em, volun-

tariamente, reproduzir o estado em que se formavam. Para isso, bastava abstrair o mundo exterior, e assim elas nos chegaram durante dois meses, cada vez mais numerosas, logo se sucedendo sem intervalo e com uma tal rapidez que tivemos que recorrer a abreviações para anotá-las.(1)

A fim de divulgar o novo movimento, Breton publicou, em 1924, o Primeiro Manifesto do Surrealismo, e é nele que se encontra a definição do termo Surrealismo: "S.m. Automatismo psíquico puro através do qual propõe-se exprimir, seja verbalmente ou por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de qualquer controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral.

Encicl. Filos. O Surrealismo repousa sobre a crença na realidade superior de certas formas de associações negligenciadas até então, no po-

(1) Les pas perdus, p. 124; citado por Marilda de Vasconcellos Rebouças. In: Surrealismo, série "Princípios". São Paulo: Ed. Ática, 1986. p. 39.

der total do sonho, no jogo desinteressado do pensamento." (2)

Jacques Prévert, poeta francês do século XX, morto em 1977, revela-nos uma carreira artística multifacetada, já que, além da poesia, dedicou-se concomitantemente, e com registro de interferências entre elas, a outras atividades como o cinema, a canção, o teatro. Todas elas estão salpicadas de referências surrealistas, visto que o autor foi membro do grupo surrealista de André Breton durante o período de 1925 a 1928, ano em que foi excluído do mesmo. Sua obra principal - Paroles, de 1945 -, cronologicamente distante da época na qual se dizia surrealista, traz grande influência do movimento.

Ferdinand Alquié observa que os surrealistas se exprimiram principalmente através da poesia e da pintura e que "o surrealismo comporta uma verdadeira teoria do amor, da vida, da imaginação, das relações do homem e do mundo." (3)

(2) Manifestes du Surréalisme. Paris: Gallimard, 1975. p. 37.

(3) In Philosophie du Surréalisme. Paris: Flammarion, 1966. p. 8.

É através dessa teoria que Jacques Prévert se expressa, já que ele "ama as crianças e os homens, e muito mais ainda os homens e as mulheres que se amam" (4). Como exemplo, citamos o poema "Cet amour", no qual Jacques Prévert diz: "Je crie pour toi / Je crie pour moi / Je te supplie / Pour toi pour moi et pour tous ceux qui s'aiment / Et qui se sont aimés / Oui je lui crie / Pour toi pour moi et pour tous les autres / que je ne connais pas. (5)

Constatamos que a concepção bretoniana do amor - "em qualquer coisa pode-se descobrir um sinal do amor" - está presente também em Prévert. O amor tem um papel capital na filosofia dos surrealistas, ligado sempre à imaginação, e ocupa o mesmo lugar na obra de Prévert. Para ambos, esse sentimento assume um papel redentor: aos surrealistas, o amor abre as portas de uma nova vida, sempre ajudado pela imaginação, e para Prévert também, mesmo que seja de uma maneira mais simples. Dizem os surrealistas

(4) Sadeler, J. - À travers Prévert. Paris: 1975. p. 31.

(5) Paroles. Paris: Gallimard, 1984. p. 139.

que a felicidade está na imaginação, e esta vai se desgastando à medida que o homem se torna adulto, ou seja, ela o abandona quando ele cresce, porque ele é acuado pelas exigências sociais que, por sua vez, inibem qualquer manifestação criadora. Supõe-se então que o auge da felicidade humana estaria na infância, época na qual a imaginação desconhece limites e o homem é iluminado, totalmente aberto para exercer a liberdade e gozar suas delícias. Por outro lado, trágico seria se o homem, a partir do momento em que deixa de ser criança, nunca mais pudesse recuperar, resgatar esse "estado de graça" que viveu na infância; mas é aí que entra o amor, assumindo, como já observamos, um papel redentor para o homem. Ele será alvo pelo amor, e, como nos ensina Breton, "entre tantas desgraças que herdamos, é preciso reconhecer que a maior liberdade de espírito nos foi legada." (6)

Ainda segundo os surrealistas, uma outra via de acesso à imaginação na idade adulta seria a loucura, onde os limites também não existem. Breton, dirigindo-se à própria imaginação, diz: "Cara imaginação, o que eu amo em você,

(6) Op. cit., p. 13.

sobretudo, é que você não perdoa". (7)

Breton considera também que o Surrealismo "quer escapar aos constrangimentos que pesam sobre o pensamento vigiado (...) à tirania das leis do mundo sensível, ao espírito crítico, aos tabus da moral vigente, a tudo aquilo que corrige e reprime, e reencontrar, uma vez mais, a liberdade total do homem" (8), isto é, tudo aquilo que a obra de Prévert também sugere. Da lição surrealista, o poeta extraiu a revolta contra aqueles elementos nocivos, responsáveis pela esclerose das estruturas sociais: educação, família, Igreja, vida militar; tudo o que reprime é alvo de seu sarcasmo, de seu humor.

A educação seria uma "dura prova", pela qual a criança deve passar; "un petit garçon qui entre à l'école en pleurant/ un petit garçon qui sort de l'école en riant" (9); o ambiente nem sempre é feliz: nele, "le remarquable

(7) Op. cit., p. 12.

(8) Alquié, F. - Philosophie du surréalisme.
Paris: Flammarion, 1966. p. 35.

(9) Op. cit., p. 205.

et exemplaire bon élève de bons pères/ Tout
seul comme un orphelin ordinaire/ Ou... "comme
un veuf" sente-se "Tout seul au milieu de la
classe/ Dans la pénombre et dans le
désarroi..."(10). A família também é objeto da
crítica de Prévert: " l'homme croit vivre et
pourtant il est déjà mort/ et depuis très
longtemps/ il va et il vient dans un triste
décor/ couleur de vie de famille/ couleur de
jour de l'an / avec le portrait de la grand-
mère/ du grand-père et de l'oncle
Ferdinand" (11). A Igreja, enquanto instituição
repressora, também está presente na obra de
Prévert: ele denuncia o conflito entre "prêtres"
e "maîtres"; há também o católico praticante
que, em nome da defesa dos valores cristãos,
admira "ses frères en Jésus-Christ/ tous ses
frères en Mussolini (...) les éventreurs... les
aviateurs... les mitrailleurs.../ toute la
cliquedenotreseigneur..."(12).

Bem, a via encontrada por Breton e por
Prévert para poderem libertar o homem é a

(10) Op.cit., p. 205.

(11) Op. cit. p. 212.

(12) Id., p. 205.

poesia. E esta é, para Alquié e para os surrealistas, "o ponto que une o mundo da realidade cotidiana" - da qual, como já podemos constatar, trata Prévert - "e o mundo do sonho maravilhoso..."(13). A função da poesia é a de nos transformar "pela emoção que ela faz nascer. A poesia é o lugar de nossa liberdade, e nos permite dar a todas as coisas a forma de nossos desejos"(14). Abastado reforça a idéia de que o projeto surrealista seria o de "'mudar a vida', 'transformar o mundo', duas palavras de ordem prometéicas"(15). Podemos aplicar tais concepções à obra de Jacques Prévert se considerarmos que ela faz nascer, através de seu lirismo constante, a emoção que, por sua vez, transformaria os homens. É também através de seu trabalho poético que ele mostra aos homens que a própria poesia é o local da liberdade humana. E ele o faz, mesmo usando de sarcasmo, de contra-sensos, como em "L'Amiral": "L'amiral

(13) Op. cit., p. 39.

(14) Op. cit., id.

(15) In: Introduction au surréalisme. Paris: Bordas, 1971. p. 53.

Larima/ Larima quoi/ la rime à rien/ l'amiral
Larima/ L'amiral Rien" (16). Com uma pseudo-
simplicidade, Prévert derruba mais uma institui-
ção social. Esse contra-senso, esse jogo de pa-
lavras, esse humor são recursos herdados do
Surrealismo, ou seja, o poeta trouxe como baga-
gem surrealista aqueles elementos que lhe tor-
navam possível um trabalho poético voltado para
a transformação do homem e da sociedade. É o
próprio Breton quem diz que "o humor se afirma
sem dificuldades na poesia, a poesia autêntica,
aquela que não é nem a sentimentalidade sobre
fundo azul, nem a fantasia de cabeça de guindas-
te coroada" (17). Sentimos em Prévert um humor
constante, recheado de imagens surrealistas,
como esta de "Page d'écriture": "et les murs de
la classe/ S'écroulent tranquillement" (18).

Notamos também que é através de uma lingua-
gem acessível, realista e popular que Prévert
realiza o seu projeto, atacando os mesmos pon-
tos que os surrealistas atacavam, se bem que de
uma maneira mais simples, como já dissemos, mas

(16) Op. cit., p. 228.

(17) Abastado, op. cit., p. 58.

(18) Op. cit., p. 146.

nem por isso deixando de perseguir os mesmos objetivos dos surrealistas, ou seja, a libertação do homem. Esse fato nos remete ao domínio da linguagem e à sua análise. Breton acreditava que "l'analyse du langage et la conscience lucide de ses pouvoirs heuristiques et révolutionnaires" era "l'un des acquis les plus importants du Surréalisme" (19). Quanto a Prévert, podemos citar Arnaud Laster, afirmando que "dans le domaine du langage, l'apport surréaliste est évident mais Prévert en fait un usage très personnel et le canalise finalement dans une voie critique qui n'appartient qu'à lui"(20) ; isto é, ele explora profundamente o poder revolucionário da linguagem, incitando seus leitores a terem uma visão crítica do mundo, da sociedade e principalmente dos males que ela traz consigo. Laster conclui que "au fond, les jeux de Prévert avec le langage se révèlent rarement tout à fait innocents"(21).

(19) In: Abastado, op. cit. , p. 61

(20) In: Paroles Prévert, coll. "Profil d'une oeuvre". Paris: Hatier, 1986. p. 64

(21) Id., ibid.

A poesia de Jacques Prévert flutua entre jogos de linguagem, tanto gráficos quanto sonoros, provenientes de equívocos, neologismos, zeugmas, trocadilhos, etc; estes jogos são, com efeito, uma aquisição surrealista. Dos equívocos, o poeta aproveita o duplo significado de um termo - "sens propre et sens figuré ou sens courant et sens argotique" (22). No poema "Petite tête sans cervelle", o equívoco já existe no próprio título do poema. Sadeler observa também que nesse poema Prévert "indique clairement la cause et la conséquence de l'accident survenu au cycliste. Au sens figuré, sans cervelle veut dire étourdi. Et cette étourderie sera fatale au cycliste irréfléchi, puisqu'il sera écrasé par le train et perdra la tête (sens propre de 'petite tête sans cervelle')" (23). Temos também vários exemplos de neologismos no poema "Tentative de description d'un diner de têtes a Paris-France" (24), como "ceux qui tricolorent... ceux qui andromaquent/ ceux qui dread-

(22) Sadeler, A travers Prévert. Paris: Larousse, 1975. p. 103.

(23) Id., *ibid.*

(24) *Op. cit.*, p. 7 e ss.

noughtent/ ceux qui majusculent...". O zeugma, "figura pela qual se deixa de enunciar, proposi-tadamente, numa parte do discurso, alguma pala-vra ou expressão enunciada em outra parte e as-sim subentendida" (25), e usado muitas vezes por Prévert de uma forma humorística, na tentativa de, mais uma vez, desmitificar algo. Em "Composition Française"(26) , o poeta omite a re-petição do verbo prendre no passado simples, ao mesmo tempo em que o aplica de maneira inco-mum, dando aí um efeito especial, como se fosse um "desmoronamento" de uma das figuras mais res-peitadas da história da França, Napoleão: "Tout jeune Napoléon était très maigre/ et "officier d'artillerie/ plus tard i l devint empereur/ alors i l prit du ventre et beaucoup de pays/ et le jour où il mourut il avait encore/ du ventre/ mais i l était devenu plus petit" (grifo nosso). Além do zeugma, encontramos também um belo exemplo de elipse no poema "Premier Jour"(27), onde temos dez versos livres, rima-dos, e nenhum verbo: "Des draps blancs dans une

(25) Campos, Pequeno dicionário de arte poéti-ca. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 172-3.

(26) Op. cit., p. 181.

(27) Op. cit., p. 186.

armoire/ Des draps rouges dans un lit/Un enfant dans sa mère/ Sa mère dans les douleurs/ Le père dans le couloir/ Le couloir dans la maison/ La maison dans la ville/ La ville dans la nuit/ La mort dans un cri / Et l'enfant dans la vie". Nesse caso, a ausência do verbo être torna a leitura mais densa, e a seqüência dos versos encadeada apenas pela aparição das imagens, requer uma participação maior do leitor.

Os trocadilhos existem em grande quantidade na obra de Prévert. Em "La pêche à la baleine" (28), temos "Voilà le père sur la mer" (lê-se como mère); no poema "Le temps de noyaux" (p. 73), há "Mais vous ne ferez plus le coup du père Français" (un coup du père françois: un coup sur la nuque); no já citado "Petite tête sans cervelle", temos "Quelle bande de ons": a palavra on, pronome indefinido masculino singular que designa de uma maneira vaga uma ou várias pessoas, e bande significa grupo de pessoas. O substantivo "tailleur" é usado nos seus dois sentidos em "Le grand homme" (29), ou seja "alfaiate" e "talhador":

(28) Op. cit., p. 22.

(29) Op. cit., p. 159.

"Chez un tailleur de pierre/ où je l' ai rencontré/ il faisait prendre ses mesures/ pour la postérité". Todas essas "brincadeiras" com a linguagem fazem de Prévert um verdadeiro surrealista ao trabalhar com ela, causando efeitos-surpresa até nos leitores mais despreparados para a poesia, reforçando mais uma vez a sua popularidade.

Ainda no campo da linguagem, não podemos deixar de fazer referência à importância da imagem para os surrealistas. Abastado discorre sobre ela em sua obra, lembrando que para os surrealistas, as palavras devem "fazer amor". Jacques Prévert, por sua vez, nos dá um exemplo belíssimo do que é a imagem poética ao criar "Sables mouvants": "Démones et merveilles/ Vents et marées/ Au loin déjà la mer s'est retirée/ Et toi/ Gomme une algue doucement caressée par le vent/ Dans les sables du lit tu remues en rêvant/ Démones et merveilles/ Vents et marées/ Au loin déjà la mer s'est retirée/ Mais dans tes yeux entrouverts/ Deux petites vagues sont restées/ Démones et merveilles/ Vents et marées/ Deux petites vagues pour me noyer" (30).

(30) Op. cit., p. 156.

Através dessa breve exposição, podemos perceber e constatar que Jacques Prévert tem plena consciência de que "pour que le poème fonctionne poétiquement, il faut que dans la conscience du lecteur la signification soit à la fois perdue et retrouvée" (31); percebemos também que ele promove a libertação em todos os sentidos, pela linguagem.

(31) In: Cohen, J. - Structure du langage poétique. Paris: Champs-Flammarion, 1978. p. 171.